

jornal.forum.macua@gmail.com

Forum Macua

BOM DIA MACUAS!



Jornal dirigido para
as comunidades de
Niassa,
Cabo Delgado e
Nampula,
espalhadas
pelo mundo

Director:
Paulo Pires-Teixeira

2008.Abril.24
Nº. 1
QUINZENÁRIO



Crianças do Marrere

Depois do adeus... o regresso

Ao sobrevoar Nampula, no derradeiro adeus à minha terra, as lágrimas iluminaram-me o rosto para recordações que se perfilaram numa angustiante saudade. Saber ou não se regressaria, era prematuro, mas fiquei por lá na vã desforra das memórias, onde muitos amigos me rodeavam, como o Jinho, o Joca, o Álvaro, a Né, o Manuel Fernando, a Ana Maria, a Anabela e a Zulmira, o Manecas, entre outros, sem saber se voltaria ao conforto das nossas amizades, e até alguns que cedo partiram para partilhar a candura dos anjos, como a Paulinha Correia Mendes, uma menina que nasceu pródiga em generosidade e elegância de carácter, o Rogério Queirós, que uma hora antes da sua morte estreou o encosto da minha motorizada na Chocas, e o “Fujeta” (Cardoso), numa estúpida morte de atropelamento depois de saborearmos a sombra de uma mangueira antes do “Rex”.

Mas parti, partimos, no embaraço de um adeus apressado, na convicção de um tempo inglório percorrido com lutas, sacrifícios e muito, muito trabalho. Mas abandonei estes imperativos e naveguei pelos momentos de felicidade e alegria, de aventuras e loucuras, de viagens e contratempos, enfim, pretendi acumular na minha alma todas as razões que justificaram as grandes paixões que me prenderam a áfrica, esta terra que não se prevê, mas que se revê de forma viva e atropelante no nosso quotidiano e na nossa consciência.

Partimos, sem bilhete de regresso.

Mas regresssei, com um bilhete custeado por um tempo de lágrimas, saudades e ausências.

Cheguei, ao invés de como parti, sem a companhia dos meus pais e irmãos, mas com a pessoa que amo e com quem decidi partilhar a terra que adoro.

Deixei em Portugal, no corredor das partidas daquele aeroporto, abraços apertados aos meus irmãos, à mãe da minha filha, a quem lhe pedi para cuidar da nossa “menina”, e abraços demorados à minha sagrada mãe e à minha filha, a Ana, a maior de todas as minhas paixões e razões. Desta vez chorei, muito, porque de repente, apoderou-se de mim uma angustiante e terrível sensação de um adeus indefinido, de um adeus até nunca. Meu Deus! O que se passa na minha vida? Perdi uma vez, vou perder outra vez? E logo as pessoas da minha vida? Foi difícil controlar-me apesar da minha mulher exercer todas as fórmulas de conforto e apoio.

Já no avião, sobrevoámos Lisboa já de noite e, como a minha mulher disse, «olha as luzes da cidade, parecem estar a oferecer-nos um quadro de magia, numa mensagem de adeus e esperança».

Depois do adeus, regresssei, com a coragem do gesto na bagagem e algumas incertezas.

Aqui estou, feliz, com quem amo, na terra que prometi abraçar e que foi berço do meu mundo de fantasias, de realidades, de sonhos, de mim.

Há um povo que nos recebe de braços abertos, na sua inconfundível humildade e generosidade, que começa pelas autoridades locais



Paulo Pires-Teixeira

No Lumbo, quando aguardava a chegada de Cavaco Silva, ao lado dos Régulos, Fumos, Secretários e Cabos, figuras representativas do poder popular. Os primeiros dois ao meu lado, pelas 3 estrelas das divisas, são Régulos, entidades “monárquicas” tendo em conta a sucessão familiar.

Bagagem de esperança

Sentido um friozinho no estômago, mãos suadas e de lágrimas nos olhos. Lá fui eu pensando se um dia me iria arrepender, mas pensei, que se um dia tal acontecer, tudo teria valido a pena, pois vi Lisboa como nunca a vi; toda ela se iluminava com uma cor cintilante, como se sentisse que de uma despedida se tratava... e foi.

Depois de 12 horas de ansiedade, cheguei a Maputo, uma “mukunha” entre muitos outros que possivelmente estariam a visitar ou a voltar às suas raízes.

Chovia, mas como diz a Paulo “Abaixo os chapéus que a chuva é do povo”, olhamo-nos nos olhos com profundidade, como se ele tentasse arrebatar no mais íntimo dos íntimos algum pensamento. E consegui!

Alguém disse: - Patrão, está ali o machibombo.

Mas ele sugeriu um baptismo, por terras de África, que um dia foram suas e de muitos outros que tantos a amaram.

Com uma chuva tão quente a escorrer pelo rosto, que ao mesmo tempo faziam sentir-nos tão relaxados, encaminhamo-nos para a eurogare, e por breves momentos fiz uma retrospectiva da minha vida, de tudo o que deixei em Portugal; a família, amigos, momentos de alegria e de dor, e olhei para o céu como forma de agradecimento à minha mãe, que deixei sulpultada na sua terra natal, mas sei que onde eu estiver ela estará comigo.

E fomos correndo, correndo em direcção à eurogare como se de um templo de felicidade se tratasse, e encontramos o Jinho Charas de sorriso rasgado por reencontrar o seu amigo e confidente. E que abraço tão forte que eles deram! Até eu própria senti, esse mesmo abraço.

A preocupação do Paulo era apresentar a cidade ao mais pormenor, e lá fomos nós numa carrinha de três lugares de caixa aberta, conhecê-la. Mas o sentimento de alegria apoderou-se do Jinho que não sabia o que fazer. Senti que ele seria também um viajante por terras desconhecidas. Em vez de levar-me para conhecer a bonita cidade de Maputo, levou-me para as periferias onde tudo é, como devem imaginar.

A preocupação invadia cada vez mais o Paulo, e quando eu olhava nos seus olhos, ele só sabia dizer “Isto é a parte menos boa, o melhor ainda está para vir”, e eu, com um sorriso, abanava a cabeça afirmativamente. Não posso dizer que não chocou, porque sim e muito, mas era o que eu já imaginava, depois de tantas conversas com ele. Mas no meu mais íntimo só desejava que Nampula não fosse assim.

Depois de tantas voltas lá conseguimos que o Jinho nos conduzisse ao coração da cidade. E que cidade! Afinal o Paulo tinha razão.

Chegou o dia em que Nampula estaria mais próxima, com uma viagem de 4 horas, até ao destino, mas com paragem na Beira, que foi bom, pois deu para conhecer, mesmo dos céus, mais uma cidade deste país de encantos.

A paragem foi curta, não tínhamos muito tempo para além de um café, um cigarrito e de namorar um pouquinho. Descemos do avião, e de repente, como se uma força me atraísse o olhar para o chão, algo se iluminava. Encontrei o que será para o resto das nossas vidas a moedinha da sorte; 2 meticais, a nossa mais fiel companheira.

A ansiedade de conhecer Nampula era desmedida, era como se o tempo não passasse.

Dos céus avistei as famosas serras de que muitas vezes ouvi falar, entre muitas conversas do Paulo com os amigos; “Serra da Mesa” e “Cabeça do Preto”, que nos dias de hoje chamam “Cabeça do Velho”, mas confesso que para mim de velho é que ela não tem nada. Que serras tão lindas, dali de cima o meu primeiro pensamento foi como se a cidade me enviasse uma explosão de terra como sendo um abraço de boas vindas.

Aterrámos, nunca fiquei tão ansiosa por sair de um avião, queria ver tudo e todos de um só folgo. De mão dadas, lá fomos nós ao encontro de uma terra que para mim era desconhecida, mas para o Paulo era como uma magia de raiz.

Nampula, finalmente um encontro glorioso com gentes dóceis, afáveis, pobres mas humildes. Vejo todos os dias nos sorrisos das crianças uma expressão afectuosa de boas vindas e a quem carinhosamente me tratam por “tia”. É contagiante e gratificante.

Juntando todas estas gentes com uma cidade airosa, pacata, limpa e ordenada, a apresentação não poderia deixar de ser a melhor de todas.

Da minha varanda, todos os dias vislumbro um pôr-do-sol que presenteia a cidade com um jogo de cores que... como se explica? Não se explica. África afinal é isto.

As minhas dúvidas de como seria Nampula, depois do que passei em Maputo desvaneceram por completo. Esta cidade é perfeita demais, mas tenho medo de não estar à altura deste encanto. Mas ela precisa de nós como nós precisamos dela.

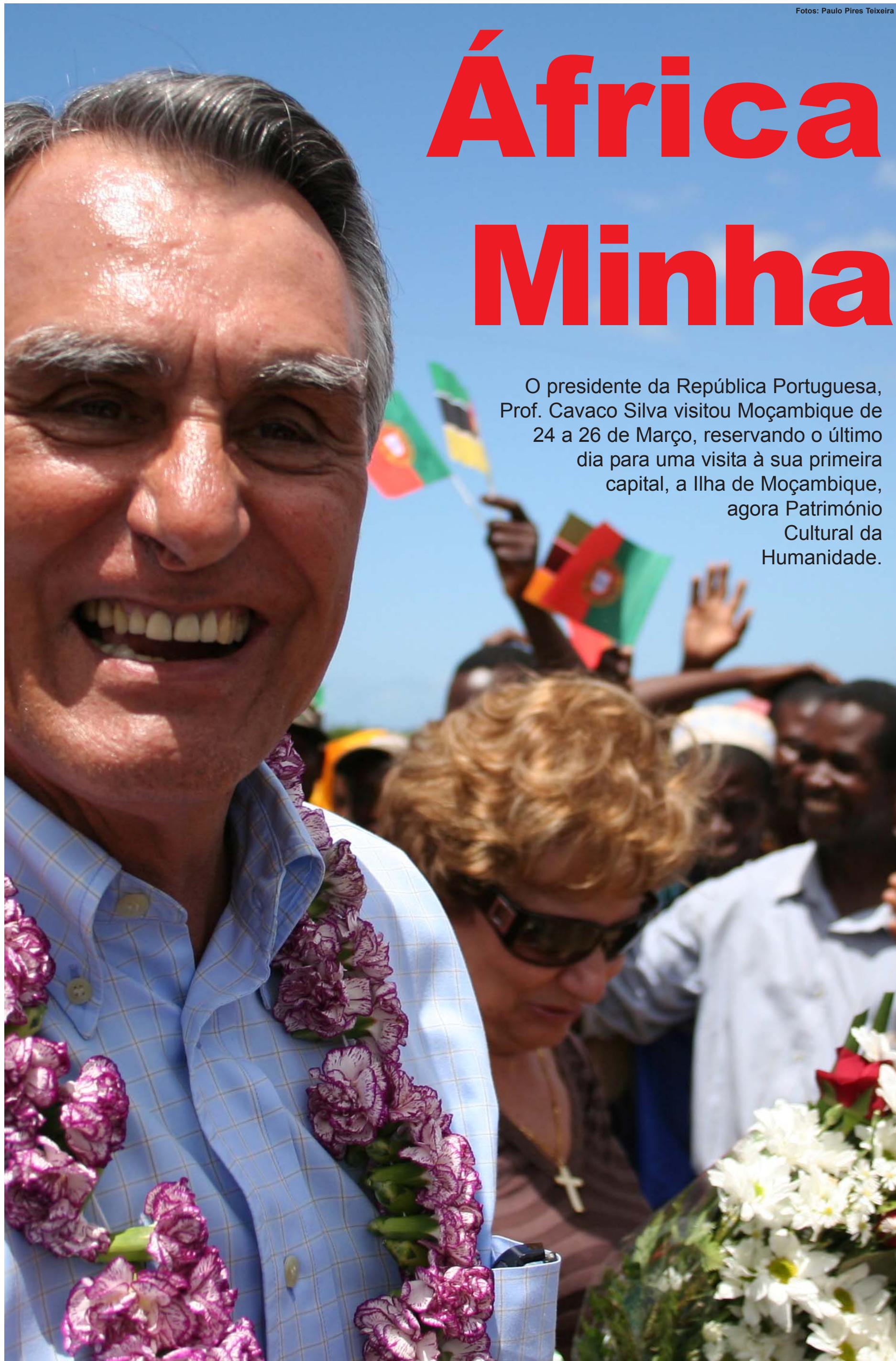
É esta a terra que o Paulo um dia me prometeu, e que eu quero fazer dela a minha.

Susana Sofia Dias



África Minha

O presidente da República Portuguesa, Prof. Cavaco Silva visitou Moçambique de 24 a 26 de Março, reservando o último dia para uma visita à sua primeira capital, a Ilha de Moçambique, agora Património Cultural da Humanidade.



Um presidente feliz e um povo efusivo

Paulo Pires-Teixeira

Textos e imagens



O povo da Ilha e do Lumbo, com bandeiras de Portugal e Moçambique, fez tudo para cumprimentar e tocar em Cavaco Silva

Depois de uma breve paragem em Nampula, onde foi recebido no aeroporto pelas autoridades locais, Cavaco Silva e a sua comitiva, trocaram o avião da TAP por um Hércules C-130 militar com destino ao Lumbo.

Ali, o casal Cavaco Silva, com uma nítida alegria, foi recebido calorosa e efusivamente pelas populações do Lumbo e Ilha, numa manifestação de boas-vindas que sensibilizou e denunciou o carinho que os moçambicanos nutrem pelos portugueses.

A presença do Presidente da República Portuguesa, Prof. Cavaco Silva, em Moçambique, numa visita de Estado que decorreu entre os dias 24 e 26 de Março, pretendeu inaugurar um novo ciclo nas relações entre os dois países, perfilando-se nesse âmbito diversos acordos de cooperação aos mais diversos níveis, o relançamento dos investimentos portugueses, que nos últimos dois decresceu cerca de 60%, beneficiando Angola com esta deslocação de interesses, e ainda alguns apoios financeiros objectivos, designadamente para o projecto de Vilas do Milénio (falaremos mais adiante), que será implementado no Lumbo e beneficiará também a Ilha de Moçambique.

Os primeiros dois dias de Cavaco Silva e da sua esposa, Maria Cavaco Silva, foram passados em Maputo, sendo o último dirigido para a Ilha de Moçambique, a primeira capital daquela ex-província ultramarina, um estatuto perdido a favor de Lourenço Marques, actual Maputo, em 1897, sendo aqui recebido pelo Governador da Província de Nampula, Felismino Tocosse, pelo presidente do Conselho Municipal da Ilha, Dr. Gulamo Mamudo, outras autoridades locais, Régulos, muitos dos quais do tempo português, representantes das comunidades portuguesa, muçulmana, maometana, holandesa e sul-africana, alunos dos diversos estabelecimentos de ensino e milhares de pessoas do povo macua, que não escondiam a sua viva alegria por terem ali tão próximo o "soberano" português..

Aqui, o presidente português, que se fazia acompanhar dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado, e da Defesa Nacional, Nuno Severiano Teixeira e ainda do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, João Gomes Cravinho, teve oportunidade para cumprimentar as multidões que durante toda a visita o aguardavam entusiasticamente; para presidir à cerimónia de apresentação do Programa Nacional Vilas do Milénio, que decorreu no Hotel Omuhipiti, para visitar a fortaleza de S. Sebastião, defen-

dendo aqui «que o património construído por Portugal disperso pelo mundo, deverá ser encarado como um símbolo de aproximação entre portugueses e outras culturas»; e o Palácio de S. Paulo, que acusava os efeitos da passagem do ciclone Jokwé ocorrido dez dias antes.

Comenda da Ordem do Infante D. Henrique para João Ferreira dos Santos

Esta visita terminaria com um almoço na residência do empresário João Ferreira dos Santos (falecido em 1957), uma ocasião que seria aproveitada pelo magistrado português para homenagear o trajecto daquela figura e dos seus percursos em Moçambique, na figura do seu filho, também de nome João Ferreira dos Santos, com a atribuição da Comenda da Ordem do Infante D. Henrique. De salientar ainda a presença nesta cerimónia dos netos do patriarca desta família.

O Hércules C-130 da Força Aérea Portuguesa regressaria a Nampula com a comitiva presidencial, também composta por mais de duas dezenas de jornalistas, para fazer escala rumo a Maputo.

A visita de Cavaco Silva, pelas reacções que se sucederam nas semanas seguintes, a partir de diversas sensibilidades da sociedade moçambicana, provaram a grande cumplicidade entre as duas culturas, o mútuo respeito e carinho dos povos, onde a história comum do passado, como afirmou Cavaco Silva, deverá ser entendida e interpretada pelos seus melhores momentos e não pelos piores.

Mas é no povo que se busca o melhor semblante para traduzir os fortes laços que unem moçambicanos e portugueses. E as manifestações, essas foram agradáveis e orgulhosamente evidentes.

Olhos nos olhos...

Visitas de Chefes do Estado Português à Ilha

1907, Agosto



D. Luis Filipe, Príncipe da Beira, filho de D. Carlos I, com 20 anos, visitou a Ilha de

Moçambique em Agosto de 1907, a bordo do navio "África". Seria assassinado em Lisboa poucos meses depois, a 1 de Fevereiro do ano seguinte.

1939



O **Marechal Óscar Fragoso Carmona,** seria no regime da República

o primeiro presidente português a visitar a Ilha.

1956, Agosto



Marechal Francisco Higinio Craveiro Lopes

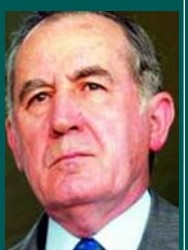
1964, Agosto, 5



Almirante Américo de Jesus Rodrigues Tomás



1980



General António dos Santos Ramalho Eanes

1994



Dr. Mário Alberto Nobre Lopes Soares



Chegada ao Lumbo do Hércules C-130 que transportava Cavaco Silva e a Comitiva



Aerogare do Lumbo



O carinho especial de Maria Cavaco Silva



Uma macua com m'siro no rosto cumprimenta Cavaco



Bandeiras moçambicanas e portuguesas selaram este histórico encontro



Na fortaleza de S. Sebastião



«Estás bonita, Maria»



À saída do Palácio de S. Paulo

«A história não se apaga nem a língua com que nos entendemos»

Foto Gabinete de Imprensa da Presidência da República



O adeus final em Nampula

Nossa gente



É no entusiasmo e na alegria dos encontros e reencontros, que vamos descobrindo os valores da história dos povos, de feridas cicatrizadas e memórias aliviadas por conta de laços inquebrantáveis marcados pelo tempo, de sinais de fraternidade e gestos transformados em rituais de amizade.

O povo moçambicano é dócil, modesto, franco, afável e de família.

Entre eles respira-se a mais nobre expressão de simplicidade, hospitalidade e uma simpatia inimitável.

Grande povo este, que vergado por tantos séculos de incontinência dos seus imperativos, soube, na azáfama de um processo sofrido até às profundezas de inconfessáveis dores, afirmar-se na sua cidadania com uma notável dignidade e responder com a grandeza de um abraço, daqueles únicos que experimentamos com os nossos pais, filhos e irmãos.

Fotos: Paulo Pires Teixeira





Projecto de esperança para a Ilha e Lumbo

Estado Português financia projecto com 1.750 milhões de dólares

O Programa Vilas do Milénio, concebido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia de Moçambique em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), tem por objectivo, de forma gradual e dirigida para algumas regiões, o desenvolvimento rural, a erradicação

absoluta da pobreza e criação de condições de bem-estar para as populações, através de diversificadas acções e investimentos. Portugal, no caso da Vila do Milénio do Lumbo, vai financiar este Programa com 1.750 milhões de dólares.

A cerimónia de apresentação deste Programa dirigido para o Lumbo e Ilha de Moçambique, que decorreu no passado dia 26 de Março, no Hotel Omuhipiti na Ilha, no âmbito da visita do Presidente da República Portuguesa, Cavaco Silva, contou ainda com as presenças dos Ministros do Turismo de Moçambique, dos Negócios Estrangeiros e da Defesa e do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Portugal, do Embaixador de Portugal em Moçambique, do Governador da Província de Nampula, do presidente do Conselho Municipal da Ilha, e ainda de diversas autoridades locais.

O objectivo do programa, orçado em um milhão e 750 mil dólares (um milhão e cem mil euros), financiado na íntegra por Portugal e que será desenvolvido nos próximos cinco anos, com tranches de 350 mil dólares por ano, foi sintetizado pela coordenadora moçambicana do programa Vilas do Milénio, Dr^a. Fátima Punga, e passa pela implementação de diversas acções, designadamente em estudos sócio-económicos, investimentos na saúde, educação, água e saneamento, campanhas de prevenção e luta contra a Sida, Malária, Cólera, entre outras doenças, apoios à agricultura e a actividades geradoras de rendimento. No fundo, pretende-se que a aplicação destes investimentos no Lumbo, contribuam para a deslocação de populações na sobrelotada Ilha de Moçambique para ali, viabilizando a aplicação de outros programas na Ilha, nomeadamente para reabilitação do património histórico, criação de infraestruturas básicas, etc. De salientar ainda, que o

Estado Português, nas palavras do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, José Gomes Cravinho, anunciou nesta cerimónia o lançamento de um programa a vigorar por dois anos, com a atribuição de um milhão e 500 mil dólares (950 mil euros), disponibilizada pela agência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), para o apoio a pequenas e médias empresas e criação de postos de trabalho.

A Ilha de Moçambique, dividida entre a cidade de "pedra e cal", onde se encontram os edifícios maioritariamente de origem portuguesa, e a cidade de "macuti", bairro indígena na sua maioria constituída por palhotas, acusam um estado avançado de degradação arrepiante. Dos cerca de 450 edifícios na cidade de "pedra e cal", cerca de 400 estão em ruínas. Nas restantes 50, algumas não preenchem as condições mínimas de habitabilidade. Apesar dos apelos das autoridades locais para a sua reabilitação, a verdade é que a maioria dos moradores não possui condições financeiras para se aventurarem nesses objectivos, nem tão pouco encontram apoios ou a possibilidade de recorrer a fundos perdidos ou sistemas de crédito bonificado, porque simplesmente não existem. E cumprir com os critérios arquitectónicos exigidos para aquele vasto património, numa perspectiva de salvaguarda da traça original dos edifícios, é ampliar ainda mais os custos.

Os próximos anos serão determinantes para que este Património da Humanidade assumia a dignidade merecida.



Foto: Paulo Pires Teixeira

Pormenor do que sobra do velho cais do Lumbo, vendo-se ao fundo a Ilha de Moçambique



Foto: Paulo Pires Teixeira

O casal Cavaco Silva, tendo ao lado o Governador da Província de Nampula, Felismino Tocosse e a esposa e na ponta esquerda, o presidente do município da Ilha, Gulamo Mamude, durante a apresentação do Programa Vila do Milénio



Foto Paulo Pires Teixeira

O ciclone Jokwé que assolou a costa do norte de Moçambique, atingiu com gravidade na província de Nampula diversas localidades, desde Angoche até à Ilha de Moçambique.

Na Ilha, centenas de árvores, das quais algumas seculares, não resistiram, entupindo a cidade, escolas e casas ficaram destruídas, barcos danificados e também destruídos, e o Palácio de S. Paulo já debilitado na sua cobertura exige agora uma intervenção imediata.

Com a visita de Cavaco Silva à Ilha, o embaixador de Portugal em Moçambique, José de Freitas Ferraz, sensível a este flagelo que atingiu centenas de famílias, desdobrou-se em esforços para conseguir alguns donativos.

O anúncio e entrega destes donativos decorreu aquando da visita ao alto magistrado português à Ilha. Neste espírito de solidariedade, José Ferraz conseguiu 450 mil dólares do Ministro dos Negócios Estrangeiros Portugueses, Luís Amado, que entregou em mãos ao Ministro do Turismo Moçambicano; 100 mil dólares do Millennium, do grupo BCP; e outro tanto, pelo BCI, do grupo da Caixa Geral de Depósitos, distribuído em 50 mil para a Oikos e outros 50 para a Associação Amigos da Ilha de Moçambique.

O valor entregue ao Ministro de Turismo, destina-se a apoiar algumas reabilitações no património turístico, na

Bancos portugueses e Estado Português deixam 410 mil euros



Foto Sara Sousa Teixeira

Pormenor de árvores caídas junto à Escola Secundária

sequência dos prejuízos causados pelo ciclone, e os valores disponibilizados pelos dois bancos, para ajuda às famílias atingidas pela mesma tragédia.

O presidente do Conselho de Administração do Millennium BIM em Moçambique, Dr. Nelson Machado, exhibe o cheque destinado a apoiar as vítimas do ciclone Jokwé

COM O APOIO DO JAPÃO E PORTUGAL

Adjudicada 1ª. fase de reabilitação da

Foto Paulo Pires Teixeira

Fortaleza de S. Sebastião



O Consórcio português Teixeira Duarte, SA, venceu o concurso para a realização de obras de restauro da Fortaleza de S. Sebastião, na Ilha de Moçambique, segundo anúncio do Ministério da Educação e Cultura Moçambicano.

Esta empreitada, orçada em um milhão e 200 mil dólares (cerca de 755 mil euros), traduz a 1ª. fase deste projecto de reabilitação, que conta com uma 2ª. fase para a consolidação total daquele património histórico inserido na Ilha, inscrita em 1991 como Património Cultural da Humanidade.

A fortaleza de S. Sebastião, cuja construção por iniciativa de D. João de Castro se iniciou em 1558, depois de Vasco da Gama ali ter chegado a 1 de Março de 1498, é a mais antiga edificação da Ilha de Moçambique.

Nos séculos que se sucederam decorreram diversas intervenções naquele património, que desde há décadas, mesmo no tempo da ocupação portuguesa, tem sido sujeito a um intrigante alheamento.

Com o estatuto de Património Cultural da Humanidade, a Ilha perfilou-se nas prioridades da Unesco como zona de intervenção.

A fortaleza emergiu como a prioridade das prioridades, num contexto de recuperação urgente, face à velocidade da sua degradação, onde as

infiltrações de água e estabilidade das muralhas poderiam tornar irreversíveis ou exageradamente onerosa a sua reabilitação.

Assim, a Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura (UNESCO), que irá coordenar os trabalhos, colocou a concurso público a empreitada para estas obras, tendo assumido essa responsabilidade a empresa Teixeira Duarte, SA., que tem desde o dia 15 de Abril até 30 de Dezembro de 2008 a sua execução.

Esta reabilitação balizada numa 1ª. fase, consiste na estancagem das fissuras e degradação e consolidação das suas estruturas.

O financiamento será assegurado pela UCCLA (União de Cidades Capitais de Língua

Portuguesa), que disponibiliza 600 mil dólares, e pela Cooperação Japonesa, que participa com o restante valor; um milhão de dólares. O apoio técnico será garantido pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), e por organismos moçambicanos.

De salientar que foram dispendidos já 400 mil dólares deste bolo, importância dirigida para os respectivos estudos e outras despesas inerentes.

Para a 2ª. fase deste programa de reabilitação, que passa pelo restauro das edificações no interior da fortaleza, prevista para 2009, a UNESCO já iniciou a angariação de parceiros.

Restará depois decidir da sua utilização.

Foto Paulo Pires Teixeira



Criança da Ilha de Moçambique

MAPUTO VAI ACOLHER CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA IMPRENSA A 13 E 14 DE SETEMBRO

Nampula vai contar com um Seminário



Vista parcial de Maputo vista de Catembe

A Associação Portuguesa de Imprensa, sediada em Lisboa, elegeu este ano Moçambique para a realização do seu Congresso. Maputo acolherá nos dias 13 e 14 de Setembro esta iniciativa sob a temática “Informação Desportiva: Quadro de Valores e Mercado - A sua importância para a Lusofonia” e, no âmbito deste Congresso, será dirigido para Nampula um Seminário de dois dias, estando previstos os dias 17 e 18 de Setembro para o efeito. Depois de Macau, Brasil, Estados Unidos e a ilha da Madeira, Moçambique sucede nas prioridades desta associação, que pretende afirmar a cidadania da lusofonia no mundo da comunicação.

porto e Juventude e do Turismo, Embaixador de Portugal, os presidentes da Liga e Federação de Futebol, jornalistas dos diversos órgãos de comunicação moçambicanos, entre outros, e alguns patrocinios, designadamente o Grupo Visabeira (que será um parceiro), a LAM (Linhas Aéreas de Moçambique, Mcel, STV-Soico, BCI (do grupo CGD) e Millenium BIM (grupo BCP). Não estando esgotados os patrocinios, a organização está a desenvolver outras interações nesse sentido.

Luís Filipe Landerset Cardoso, professor universitário; Christophe Forax, Chefe de Gabinete da Comissão Viviane Reding; João Palmeiro, presidente da Apimpressa e em representação do Grupo Imprensa de Pinto Balsemão, que detém a SIC, Expresso, revistas Caras e Visão, entre outros órgãos; Carlos Correia, professor na Universidade Nova; André Rodrigues, director da TVnet; Albérico Fernandes, director de Projectos Especiais da Imprensa; representantes da Sport TV, TSF, dos jornais

Associação Portuguesa de Imprensa (Apimpressa) durante a conferência de imprensa que se realizou em Maputo no passado dia 4 de Abril.

João Palmeiro deixou visível a sua convicção num processo de crescimento da comunicação entre os países de língua oficial portuguesa num contexto internacional, como veículo de afirmação e influência. Animado neste pragmatismo, e tendo como suporte gratos exemplos de liberdade de imprensa, no qual Moçambique se perfila na primeira linha, assegurou que «não há cidadania sem uma comunicação livre».

Este período da sua intervenção constituiu uma nota introdutória para esclarecer o espírito da temática do Congresso de Imprensa; o Desporto.

Se por um lado o Campeonato do Mundo de Futebol que se realiza aqui ao lado na África do Sul em 2010, justifica o debate alargado, por outro, importa alertar e interferir nos critérios e “timing” de negociação dos direitos de transmissão e informação por parte do monopólio das “marcas” destes eventos.

Segundo João Palmeiro, no Campeonato da Europa de 2004, que se realizou em Portugal, os detentores da “marca” Euro/2004, apenas abriram mão dos direitos de transmissão à imprensa escrita e digital (excepção feita às televisões), um mês antes do início do campeonato, facto que priva as empresas jornalísticas de tempo para negociarem os seus contratos de publicidade. Outro exemplo verificou-se com o campeonato do mundo de Rugby, que se realizou no ano passado em França, em que as negociações concluíram-se três dias antes.

A Apimpressa está inscrita

na Media Communication Association, com sede em Londres, em representação dos seus associados, uma condição que lhe permite negociar os direitos de transmissão. Entretanto, com o crescimento dos meios de comunicação com recurso à internet, a Associação Olímpica autoriza a imprensa não televisiva, a usar vídeo-clip's de imagens até 60 segundos, ou seja, viabilizar a essa mesma imprensa a possibilidade de, em cima do acontecimento, partilhá-lo com os seus leitores.

«Governo pretende com o Campeonato do Mundo de Futebol, que este Congresso promova Moçambique»

Os Ministros do Turismo e da Juventude e Desportos «pretendem que este Congresso promova Moçambique», referiu o Dr. Henrique Pires Teixeira, “mentor” desta iniciativa, na sequência das reuniões tidas com aqueles governantes, daí manifestar a sua satisfação em nome da associação por esta pronta disponibilidade e apoio.

Os promotores já traziam na sua bagagem este objectivo, mas o espírito deste congresso, segundo Pires Teixeira, «pretende com antecipação, incorporar a ideia e perspectiva dos pensadores Moçambicanos», por isso o convite dirigido a alguns intelectuais que irão, no quadro temático escolhido, dissecar sobre algumas variantes.

De acordo com a organização, serão cerca de 200 os jornalistas e empresários de comunicação, oriundos de Portugal, a deslocarem-se a Maputo e a Nampula.



O Dr. Henrique Pires Teixeira durante a conferência de imprensa no Hotel Girassol em Maputo, sendo ladeado à sua direita pelo Administrador Delegado do Grupo Visabeira, Dr. Afonso Loureiro, e pelo Dr. João Palmeiro, presidente da Apimpressa (na ponta), e à sua esquerda por Vitor Brás, presidente do Congresso

Foi com alguma antecedência que os dirigentes da Associação Portuguesa de Imprensa (Apimpressa) se deslocaram a Maputo para preparar o Congresso de Setembro.

Com efeito, de 1 a 4 de Abril, o Dr. João Palmeiro, presidente da Associação, Dr. Henrique Pires Teixeira, Dr. Vitor Brás e Dr.ª Luisa Castelo dos Reis, desdobraram-se em contactos e reuniões para garantir a presença de diversas entidades, como são exemplo o próprio Presidente da República, Armando Guebuza, a Primeira-Ministra, os Ministros do Des-

«Presenças de “peso”»

A encabeçar a Comissão de Honra do Congresso, surge o Dr. Almeida Santos, que participará na Sessão de Abertura, que contará ainda com a presença da Primeira-Ministra de Moçambique, Dr.ª. Luisa Diogo e do Ministro dos Assuntos Parlamentares de Portugal, Dr. Augusto Santos Silva.

Na longa lista de participantes, surgem nomes como o de José Luís Arnaut, relator do Estudo Europeu sobre o Desporto; Andrew Moger, da CEO da Media Mojos Consulting; Manuel Pedrosa Lima;

Savana, Notícias e O País, de Moçambique e ainda os representantes das Federações de Futebol dos dois países. Outros convites estão na mesa mas ainda não confirmados, como Carlos Queirós.

O presidente Moçambicano, Armando Guebuza, presidirá à cerimónia de encerramento.

«Estamos virados para a importância do papel que a comunicação tem na lusofonia»

A afirmação partiu do Dr. João Palmeiro, presidente da

Ponto de encontro da noite

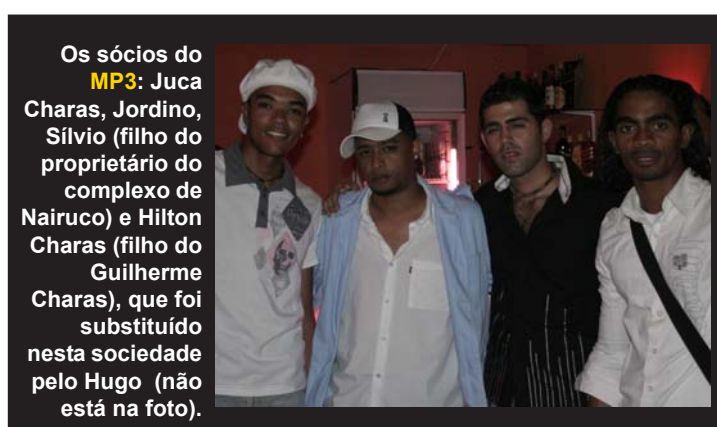


Edifício Nampula bem próximo da Catedral

O Bar-Pub MP3, localizado no edifício Nampula, reabriu há pouco as suas portas, depois da mudança de propriedade. É aqui um dos privilegiados pontos de encontro da juventude moçambicana e de muitos portugueses.



O Juca Charas, sócio do MP3 e uma amiga. O Juca é filho do Jerónimo Charas (Jôjô)



Os sócios do MP3: Juca Charas, Jordino, Sílvio (filho do proprietário do complexo de Nairuco) e Hilton Charas (filho do Guilherme Charas), que foi substituído nesta sociedade pelo Hugo (não está na foto).



São muitos os portugueses que frequentam o MP3

Com uma excelente e agradável decoração, que se perfila pela modernidade, o Bar-Pub MP3, constitui de 3ª.-feira a Domingo (descanso à 2ª.), o local da noite preferido por moçambicanos e portugueses, que convivem em saudável harmonia e amizade.

O anterior proprietário, Paulo Fernandes (filho de José Fernandes), trespasou este espaço a quatro dinâmicos jovens, que lhe imprimiram outra "performance", mais apelativa e até mais sóbria.

Com abertura ao fim da tarde e encerramento às 4 da manhã, o MP3 tem mantido um movimento constante, esgotando aos fins-de-semana, sinal revelador da aposta ganha pelos jovens empreendedores.

De salientar que para além de dois bares (um no r/c e outro no 1º. piso), este Pub possui ainda uma zona de dança, e colaboradoras muito simpáticas.



Bebe-se e dança-se com animação sob a música de um bom DJ



Encontram-se sempre pessoas interessantes



Pormenor da zona das mesas

Breves

NACALA

Internet sem fios

Nacala é a 5ª. cidade moçambicana a receber o serviço de banda larga sem fios, denominado "Kwiknet" (wirless em Portugal), depois de Maputo, Matola, Beira e Nampula.

Este serviço suportado pela mais recente tecnologia sem fios, WiMAX, é prestado pela Teledata de Moçambique.

ILHA DE MOÇAMBIQUE

"Velho" Sporting e piscinas adquiridos por empresário francês

Um empresário francês adquiriu a sede do Sporting, um dos edifícios emblemáticos da Ilha, e a piscina, duas infraestruturas em ruínas há vários anos.

Na piscina junto à baía e em frente à Pousada (agora Hotel Omuhipiti), as obras de reabilitação iniciaram em Março, sendo para ali dirigido um restaurante, e dada funcionalidade à piscina.

Quanto à velha sede do Sporting, será transformada em Hotel, que incluirá diversos quartos e suites, salas de conferências, bar e restaurante.

Sobre este empreendimento, regressaremos com mais pormenores na próxima edição.

Fotos: Paulo Pires Teixeira



O edifício do Sporting em ruínas, podendo ver-se à direita uma árvore caída em consequência do ciclone Jokwé. Em caixa, parte de um painel de azulejos que forra uma das paredes do bar do Clube

Foto: Paulo Pires Teixeira



As obras na piscina e edifício adjacente iniciaram em Março

LIGAÇÃO MAPUTO A PEMBA

Conclusão prevista para 2009

As cidades de Maputo e Pemba deverão ficar ligadas por estrada a partir de 2009, de acordo com o programa de reconstrução e ampliação da Estrada Nacional Nº 1, afirmou em Maputo o presidente do Fundo de Estradas, Francisco Pereira. Falando à margem da reunião de avaliação do desempenho e revisão do Programa Integrado do Sector de Estradas (Prise), realizada em Maputo, Pereira disse que a ligação entre as duas cidades é uma das prioridades do programa do sector de estradas para o triénio 2007/09. Para o efeito, decorrem há sensivelmente três anos obras de reconstrução e ampliação da EN1, um empreendimento orçado em cerca de mil milhões de dólares e que estão a ser executadas em fases, tendo sido já concluída a primeira fase que contempla os troços Marracuene/3 de Fevereiro, em Maputo, Incoluane/Chicumbane, em Gaza, Chissibuca/Massinga, em Inhambane e Muxúnguê/Inchope, na província de Sofala.

Continua problemático o troço que liga Namacurra e Alto Molócuè, na província da Zambézia, cujas obras já deveriam estar concluídas, conforme o contrato de adjudicação assinado com a construtora Tâmega. Contudo, há garantias que a EN1 vai estar em melhores condições de transitabilidade até finais do próximo ano, com a realização da terceira fase do Prise, cujo arranque está previsto para o presente ano, o qual, dentre os vários troços, vai contemplar a reconstrução das secções Chimuara/Namacurra e rio Ligonha/Cidade de Nampula.

Fonte: MacauHub

norte de moçambique

DESCOBERTO EM NAMETIL
JAZIGO DE PEDRAS
PRECIOSAS (TURMALINAS)

Milhares de garimpeiros em busca desenfreada



A região de Nametil, no distrito de Mogovolas, está a ser invadida por milhares de pessoas oriundas particularmente das províncias de Nampula, Cabo Delgado e Zambézia, com o objectivo de extraírem turmalinas (pedras preciosas). Para melhor se perceber esta "loucura", refira-se que foram construídos em poucos dias cerca de 500 acampamentos, correspondendo a cerca de 10 mil pessoas. As autoridades foram forçadas a intervir e a proceder a detenções e apreensões.

Estes factos poderiam ser acalentados por alguma inverosimilitude, porque ocorreram a partir do dia 1 de Abril (Dia das Mentiras), quando um grupo de jovens, no seu *hobby* da caça às aves, numa zona chamada Simpuiti, a 16 kms de Nametil, encontraram pedras expostas à luz do dia e, pela suas características, logo desconfiaram tratar-se de um minério com valor.

Para se assegurarem do valor do "achado", os jovens dirigiram-se à região de Mavuco, próximo de Moma, onde decorre uma exploração de pedras preciosas, para ali, junto de técnicos, indagarem da intrigante desconfiança.

Após a confirmação de que se tratava de turmalinas, a notícia depressa se espalhou e, nessa mesma semana, com o alarido da imprensa, milhares de pessoas, munidas de pás e picaretas, correram para a zona para garimparem o solo em busca de tão precioso achado.

Nasceram em poucos dias cerca de 500 acampamentos e alugaram-se casas nas aldeias vizinhas a Simpuiti e Nathove, as duas zonas de maior incidência deste minério.

Um morto e dezenas de feridos

Alguns dias após esta descoberta, muitas pessoas, desprovidas de conhecimentos técnicos para a extracção mi-

neira, foram surpreendidas pelo desprendimento de terras, tendo um cidadão do Posto Administrativo de Calipo, no distrito de Mogovolas, ficado soterrado e algumas dezenas feridas. Até esta data o corpo ainda não foi retirado nem reclamado.

Intervenção das autoridades

O Governo da Província, apanhado de surpresa por estes acontecimentos, alertou de imediato as autoridades locais para uma intervenção célere, dada a ilegalidade desta exploração, tendo destacado por duas vezes o envio de contingentes para guarnecer a região.

Apesar deste esforço, a extracção das turmalinas continua, nalguns casos com a conivência de alguns polícias, embalados por esquemas de corrupção.

A PRM (Polícia da República de Moçambique) distrital, a pedido do administrador de Mogovolas, Armando Muacuante, também fez deslocar para ali efectivos.

Entretanto, uma brigada multisectorial, tutelada pela Direcção Provincial de Recursos Minerais, esteve no local e confiscou diverso material, viaturas, motorizadas, telemóveis, dinheiro e cerca de 21 toneladas de refugos de turmalina.

Turmalinas

Os minerais do grupo da **turmalina** constituem um dos mais complexos grupos de minerais de silicato quanto à sua composição química, sendo todos eles ciclo-silicatos. Trata-se de um conjunto de minerais de silicato de boro e alumínio, cuja composição é muito variável devido às substituições isomórficas (em solução sólida) que podem ocorrer na sua estrutura. Os elementos que mais comumente participam nestas substituições são o ferro, o magnésio, o sódio, o cálcio e o lítio existindo outros elementos que podem também ocorrer. A

palavra turmalina é uma corruptela da palavra *turamali* do cingalês para *pedra que atrai a cinza* (uma referência às suas propriedades piroléctricas).

Usos e aplicações

A turmalina é usada em joalheria, em manómetros e alguns tipos de microfones. Nas jóias, a indicolite azul é a mais cara seguida pela verdelite verde e pela rubelite cor-de-rosa. Ironicamente, a variedade mais rara, a acroíte incolor, não é apreciada sendo a menos cara das turmalinas transparentes.

Modo de ocorrência

A turmalina é encontrada em dois tipos principais de ambientes geológicos. Rochas ígneas, em particular o granito e pegmatitos graníticos e nas rochas metamórficas como o xisto e o mármore. O *schorl* e as turmalinas ricas em lítio são geralmente encontradas em granitos e pegmatitos graníticos. As turmalinas ricas em magnésio (dravites), estão limitadas aos xistos e aos mármore. Além disso, a turmalina é um mineral resistente e pode ser encontrada em quantidades menores na forma de grãos em arenitos e conglomerados.

Fonte: Wikipédia

CRESCIMENTO RODOVIÁRIO A ISSO OBRIGA

Fotos: Paulo Pires Teixeira

Semáforos em doze cruzamentos



Algumas árvores tiveram de ser derrubadas para a colocação de semáforos, junto ao cruzamento do Mercado (Avenida Paulo Kankhomba e Rua Monomotapa)

Nampula, a 3ª. cidade do país, e a 2ª. em termos económicos, tem registado um movimento assinalável em termos de trânsito rodoviário, facto que tem originado constantes engarrafamentos nas artérias mais movimentadas, designadamente nos cruzamentos das avenidas Paulo Samuel Kankhomba (ex-marechal Carmona), na avenida 25 de Setembro (ex-Craveiro Lopes), avenida Eduardo Mondlane (ex-José Cabral), Rua dos Continuadores (ex-Pedro Álvares Cabral - da Brasília) e Avenida do Trabalho (ex-Pinto Teixeira).

Preocupado com esta situação, de dia para dia mais caótica para o conforto e paciência dos automobilistas, o Conselho Municipal, liderado pelo Dr. Castro Namuaca, após um cuidado e atento estudo, deliberou abrir concurso para a colocação de reguladores de trânsito (vulgo semáforos), em 12 dos cruzamentos mais sensíveis ao volume de tráfego rodoviário, investindo para o efeito 11 milhões de meticais (cerca de 290 mil euros).

A empresa adjudicatária teve luz verde em Janeiro, mas só no corrente mês deu início aos trabalhos, justificando este atraso pela necessidade de recrutar meios humanos e materiais. Prevê-se a sua conclusão em meados de Maio.

Com a implementação deste sistema, o trânsito ficará mais disciplinado, concorrendo para a redução de acidentes, até agora frequentes na cidade.

Curiosamente, Nampula ficará dotado com praticamente a mesma quantidade de semaforização que a capital, a cidade de Maputo, que inaugurou recentemente este sistema.



A característica dos semáforos em Nampula

Breves

ENTRE 2007 E 2008

Abastecimento de água cresce 7%

No âmbito do projecto integrado "Água Rural e Saneamento", co-financiado pelo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e pelo Governo Moçambicano, que contempla a implementação de infraestruturas dirigidas ao saneamento e abastecimento de água aos 17 distritos da província de Nampula, foi possível ampliar em 7% o nível de cobertura de água entre 2007 e 2008.

Neste momento, existe nas zonas rurais de Nampula, 400 fontes de água potável.

EM ANGOCHE

Jogo entre Sporting-Benfica provoca um morto

Em Moçambique, o campeonato da Liga Portuguesa de Futebol é vivido com a mesma intensidade que em Portugal, provocando por vezes escaramuças entre adeptos.

Em Angoche, após o jogo que decorreu em Lisboa entre o Sporting e o Benfica e que foi transmitido pela RTP África, o resultado de 5-3 favorável ao Sporting não agradou muito os adeptos do Benfica, que se envolveram em pancadaria com os seus velhos rivais. O resultado destes "duelos" culminou com um adepto do Benfica esfaqueado até à morte, tendo a PRM (Polícia da República de Moçambique - tipo PSP em Portugal), detido o autor.

O Benfica, Sporting e Porto, são os clubes da preferência dos moçambicanos, que festejam com autênticas manifestações de rua quando o seu clube vence. Este fenómeno vai justificar em breve uma atenta crónica.

Quando se pergunta a um Moçambicano de que Clube é, a resposta dirige-se prontamente a um dos clubes portugueses, ao invés, como seria de esperar, de avançarem com o Ferroviário, Malhangalhe, Costa do Sol, Textáfrica, ou outro clube local.

A correr...

MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA

Boletim informativo volta a ser reeditado

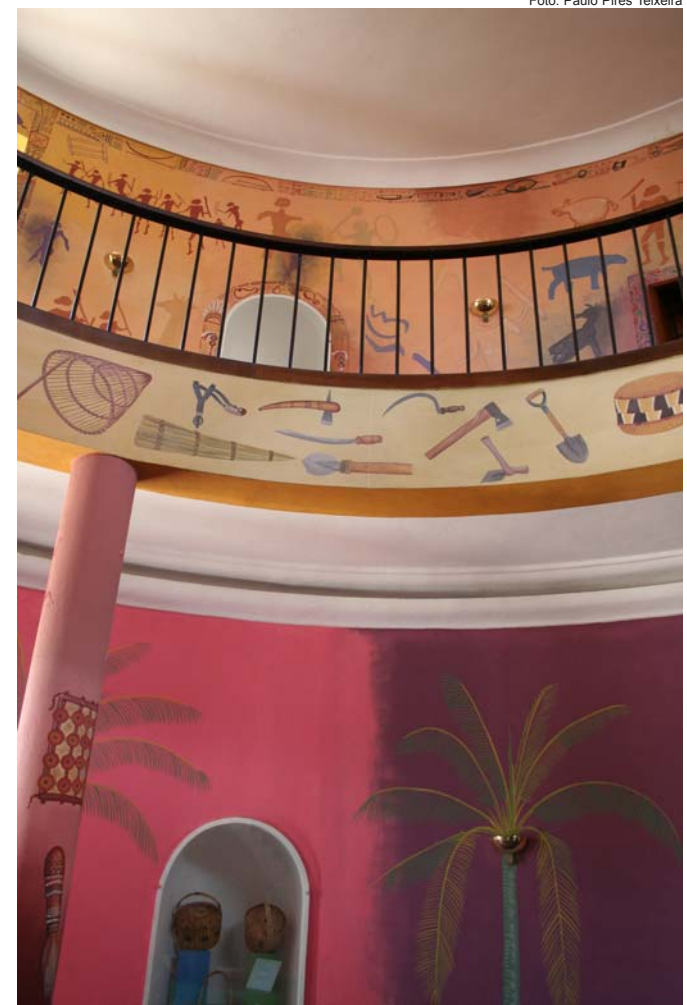
O Museu Nacional de Etnologia de Nampula - MUSET (ex-Museu Regional Comandante Ferreira de Almeida), lançou recentemente um boletim informativo que se pretende mensal, com o objectivo de dar evidência às suas actividades e, ao mesmo tempo, recordar o percurso do Museu, desde a sua fundação em Agosto de 1956, mês e ano de elevação de Nampula a cidade.

O primeiro número desta edição, segundo o seu director, Pedro Kulyumba, figura de indiscutível empenhamento pela sua missão, é uma reprodução fac-similada da série editada em 1960 no período colonial.

Em 2006, na comemoração do 50º. aniversário do Museu, o MUSET publicou uma revista a cores, onde relata o seu percurso, não sonhando os momentos menos positivos nem os mais positivos, nem se desvinculando dos valores daqueles que, independentemente dos imperativos históricos, se demarcaram pela defesa e preservação da cultura e da história. Esta revista é uma grata evocação à sobriedade da inteligência, sensatez e altruísmo humano, uma "performance" de carácter que encaixa bem no perfil do director, Pedro Kulyumba.

Os jornais Wamphula (papel) e Wamphula Fax (digital), de Vasco Fenita, distinguiram o MUSET com o título "A Figura do Ano de 2007", um gesto que esclarece o papel importante e determinante para o enriquecimento da cultura e história da região e do país.

Foto: Paulo Pires Teixeira



A bonita entrada oval do Museu Nacional de Etnologia



Comandante Eugénio Ferreira de Almeida, impulsionador das construções do Museu Regional de Nampula e da Catedral N. Srª. de Fátima, obras inauguradas a 23 e 22 de Agosto respectivamente, pelo então presidente da República Portuguesa, Marechal Craveiro Lopes (Foto Revista da Armada)



Dr. Pedro Guilherme Kulyumba, Director do Museu Nacional de Etnologia (MUSET), cuja acção tem revitalizado esta instituição de forma notável (Foto revista comemorativa do 50º. aniversário do Museu - 2006)

Vamos nesta rúbrica, dar conta dos amigos que fomos reencontrando, bem conhecidos de todos nós, ou da grande maioria. Encontros ocasionais, traduzidos em alegrias, memórias e saudades.

Benjamim (Jinho) Charas



O Jinho, um dos filhos de Jerónimo Charas dos Caminhos de Ferro, foi o primeiro amigo que encontramos. Afinal, foi ele que nos recebeu no aeroporto de Maputo.

Vivemos juntos a infância e depois a adolescência. A minha mãe dizia que era o seu 5.º filho.

Vive em Maputo desde 1986, depois de uma vida de sofrimento em Nampula, quando, como metalo-mecânico nos CFM, e integrando a equipa de técnicos na linha férrea Nampula-Malawi, sofreu diversos ataques durante a guerra civil, assistindo à morte de muitos conterrâneos seus.

Trabalhava com o Zé "Gato", de Nampula que faleceu há 3 anos, vítima de um cancro.

Arnaldo Constantino



O Arnaldo Constantino, foi dos primeiros portugueses que encontramos em Nampula. Está casado com a Delta, uma moçambicana afável e simpática, e nobre de carácter.

Depois de poucos anos em Setúbal, numa fase bem posterior à Independência de Moçambique, regressou. «Esta é a minha terra!», desabafou.

Mantém a Ronil, com as oficinas na zona industrial da estrada de Nova Chaves e um stand bem no centro da cidade (na contra-esquina do prédio Fabião).

Ele foi operado no início do corrente mês à coluna, numa clínica particular em Nampula. A sua recuperação está a ser surpreendente.

Helder Menezes



Das figuras mais emblemáticas de Nampula e entre o seio da comunidade nampulense espalhada pelo mundo, é com certeza o Hélder Menezes.

É uma figura de grande prestígio. Nunca saiu de Moçambique, há excepção do período de férias, como há pouco tempo onde esteve no Brasil e onde tem família.

Tem na Chocas um empreendimento turístico junto à praia do Grosch, neste momento alugado a um empresário.

Durante vários anos como gerente do Entrepósito, o Hélder, a convite do Fabião, é agora o responsável pela Casa Fabião, Lda. em Nampula.

A sua competência e profissionalismo são evidentes.

Vasco Fénita



Sempre o conhecemos, desde garotos, como jornalista e mantém essa nobre função e missão. É director dos jornais Wamphula (formato papel) e Wamphula Fax (digital).

Foi colega dos jornalistas Pinto Soares, Pires Teixeira, Morais Pinto, Inácio de Passos, etc, e colaborou nos jornais Notícias, Diário de Moçambique e, entre outros, com a Voz Africana, do grupo do Notícias da Beira. É um jornalista de craveira, de prestígio sólido, e o seu estilo literário rivaliza com os melhores expoentes da língua portuguesa.

O seu nome é hoje uma referência no "milleux" jornalístico moçambicano, sendo considerado um dos seus grandes patriarcas.

Luís Monteiro



Sempre se manteve em Moçambique e continua a viver em Nampula, depois de breves passagens por Pemba e Monapo.

Estudou na Escola Técnica e tem uma vida bastante activa. Recorda com saudades os amigos de infância e adolescência.

Barata da Silva



Manteve-se sempre em Moçambique e estudou na Escola Técnica. Ainda enquanto estudante foi para o Instituto Comercial da Beira e posteriormente para Maputo, regressando a Nampula.

Nasceu em 1951.

Pedro de Carvalho



Também estudou na Escola Técnica e nunca saíu de Moçambique. A sua família vive em Portugal.

É responsável da SNV, uma organização Holandesa de cariz humanitário e social.

NA SEMANA PASSADA

Presidente do Conselho Municipal de Nampula visita Figueiró dos Vinhos

A convite do Grupo Leiris-Lena, o presidente do Conselho Municipal de Nampula, Dr. Castro Namuaca, deslocou-se a Portugal, uma ocasião aproveitada para visitar o município de Figueiró dos Vinhos, geminada em 2002 com Nampula, mantendo ali contactos com os autarcas locais e alguns amigos.

A possibilidade de uma comitiva de Nampula composta por autarcas, directores provinciais e dirigentes desportivos, visitar Figueiró, ficou em aberto.



O Eng. Rui Silva, presidente da Câmara de Figueiró dos Vinhos, e o Dr. Castro Namuaca, presidente do Conselho Municipal de Nampula

Carlos Queirós na Ilha de Moçambique



Carlos Queiroz, natural de Nampula e actualmente treinador-Adjunto do Manchester, em Inglaterra, esteve na Ilha de Moçambique a 26 de Março, integrado na comitiva do presidente da República Portuguesa, Cavaco Silva, quando da sua visita àquela 1.ª capital de Moçambique.

Na foto, Carlos Queirós com o anterior Presidente do Conselho Municipal de Nampula, Dr. Dionísio Cherewa, no Hotel Omuhipiti.

Guilherme (Gui) Charas



O Gui Charas é irmão do Jinho e ainda da Linda, Jôjô (Jerónimo), Orlando, Carla, do falecido Felismino, Paula, Rute e Tucha.

É responsável numa das maiores empresas de segurança de Moçambique. Frequentou a Escola Técnica e tem neste momento 55 anos.



JORNAL

PRÓXIMA EDIÇÃO

ILHA DE MOÇAMBIQUE

Património à espera de vez

Um vasto património está em ruínas. Apesar dos apelos de muitos moçambicanos, aqui personalizados pela Associação Amigos da Ilha de Moçambique e da comunidade internacional, os avanços são tímidos.

Talvez a reabilitação da fortaleza de S. Sebastião e o projecto Vilas do Milénio dirigido para o Lumbo, venha a constituir o motor de arranque para as grandes mudanças deste património cultural da Humanidade.

Foto: Paulo Pires Teixeira



História da Cidade de Nampula



ENTREVISTAS



O Hélder Menezes vai contar-nos a sua vida depois da partida dos seus amigos para Portugal, das saudades e das muitas memórias.



A D. Flora Pinto Magalhães, descendente do poeta “inconfidente” desterrado para a Ilha de Moçambique no século XVIII, Tomaz António Gonzaga”, vai falar-nos dele e particularmente da Associação de Turismo da Ilha, da qual é presidente.



A Dr.ª. Sara Sousa Teixeira, Conservadora dos Museus da Ilha, falará do seu percurso até chegar aqui, e das grandes dificuldades para algumas situações caricatas, como exemplo, para comprar uma fechadura.

ASSINANTES DO FÓRUM MACUA COM DESCONTOS ESPECIAIS

Saiba como viajar para Nampula a preços especiais

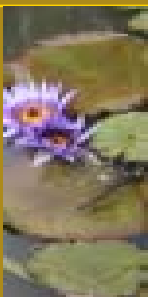
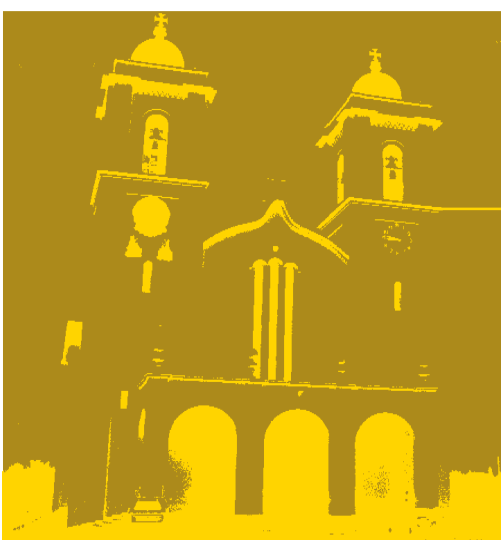
Na próxima edição daremos conta dos preços de viagens, estadia, alimentação e transportes, para quem pretenda viajar até Nampula e visitar a região.

O nosso jornal poderá já assegurar descontos especiais para os seus assinantes nos voos internos da LAM, estadia em Hóteis e refeições em restaurantes.

Esteja atento e aproveite as oportunidades para viajar até Moçambique.



Descobrir Nampula... é um desafio

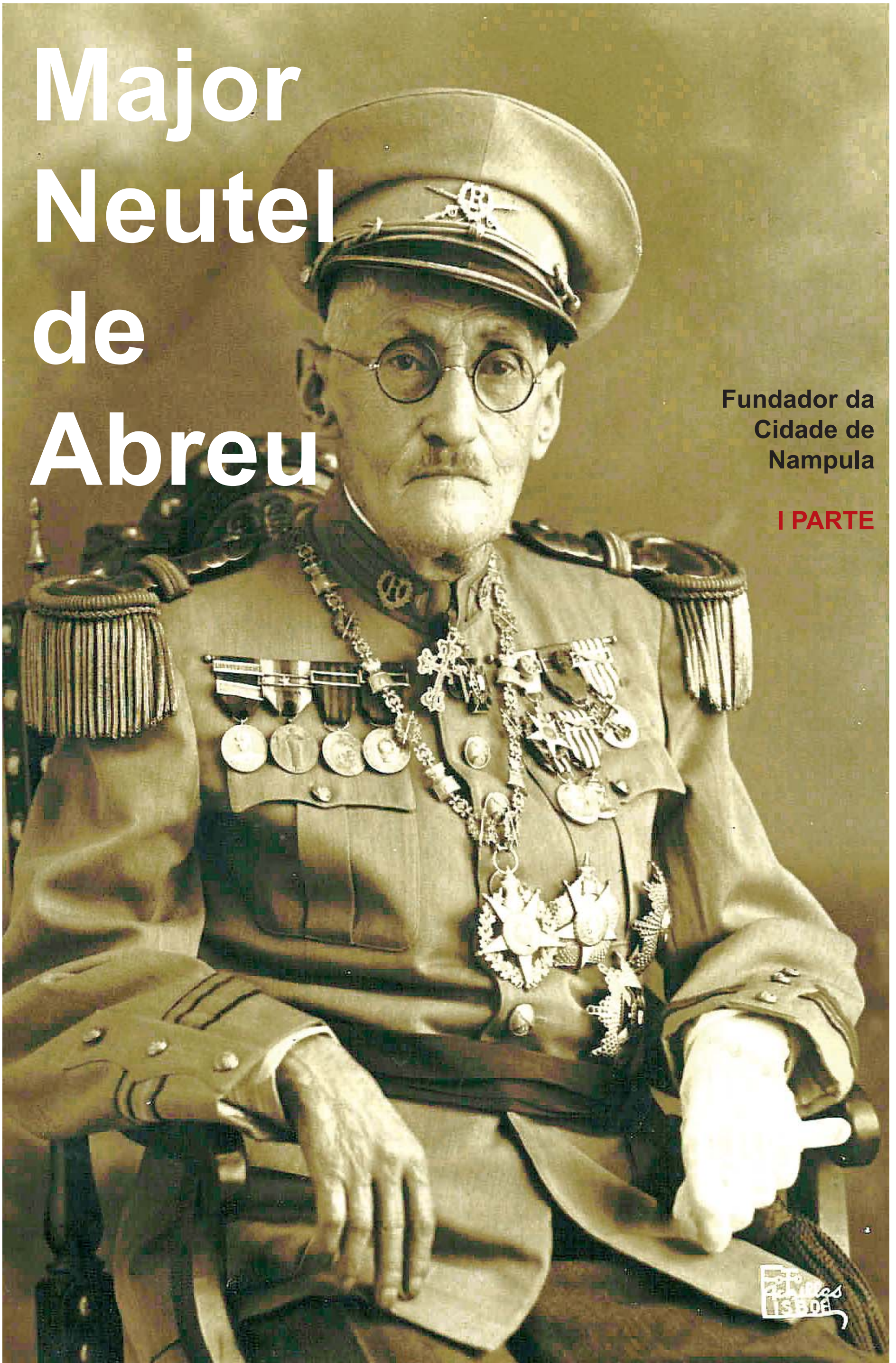


CONSELHO MUNICIPAL DE NAMPULA

Major Neutel de Abreu

Fundador da
Cidade de
Nampula

I PARTE





No processo da história portuguesa em Moçambique, no período em que a Monarquia apostou na ocupação efectiva do território e garantia da estabilidade e segurança, destacou diversos oficiais militares para exercerem os meios disponíveis para contrariar eventuais rebeliões oriundas das populações indígenas, sob a forte influência dos seus chefes, os Régulos.

Na legítima revolta contra as forças ocupantes, alguns processos de “pacificação” perpetrados pela monarquia portuguesa, beliscaram o espírito dessa campanha, com o poder das armas a ditar todas as regras. O Major Neutel de Abreu, detendo esse poder, privilegiou uma acção de princípios evitando batalhas e corpos espalhados pelos sertões africanos. Para além disso, foi ele que impôs o fim da escravatura, apesar de abolida por Portugal em 1836, mas que muitos teimavam em ignorar.

Um dos exemplos, revelou-se com o pacto de sangue com o Régulo Mukapera de Corrane, um gesto que evitou confrontos e milhares de mortos. Talvez por isso a história portuguesa se refira a Neutel de Abreu com alguma timidez.

Em Moçambique, ainda que de soslaio, a história observa aquele militar também com timidez e distância, mas salvaguardando o seu carácter verdadeiramente humano e pacifista.

A SOBERANIA PORTUGUESA EM ÁFRICA

Circunstâncias históricas que levaram Neutel a Moçambique

No último quartel do século XIX, Portugal, França, Bélgica, Inglaterra e por último a Alemanha, apesar dos muitos tratados entre si para a divisão territorial de África, violavam com alguma frequência as fronteiras que iam sendo definidas. Portugal, neste contexto, mandou ocupar militarmente áreas ao norte de Angola (Ambriz, Molembo, Cabinda), tendo provocado diversos conflitos, um dos quais com a Inglaterra, que via como ameaça esta ocupação, tendo em conta a sua aproximação à foz do Zaire, o grande rio que então se considerava essencial para o domínio da África ao sul do equador. Negociações demoradas levaram o Governo Português a garantir que «não haveria novas ocupações». Paralelamente, num processo que se iniciou em 1870, com o triunfo dos Prussianos sobre a França, a Alemanha, galvaniza-se numa política hegemónica conduzida por Bismarck, que passava pela criação de um império colonial em África, facto que iria provocar diversos choques de interesses, particularmente com a Inglaterra. Nesta ameaça adivinhavam-se conflitos armados, pretexto suficiente para levar Leopoldo II, rei belga, a intervir de forma activa, intervenção essa que culminou com a Conferência de Bruxelas, de 1876 e que visou a criação de uma organização neutra, sem a preponderância inglesa ou alemã, para promover a exploração e civilização das zonas da África Central.

O domínio português nesta zona estribava-se em direitos históricos que remontavam ao século XV, facto contudo pouco valorizado pelas outras potências colonizadoras. Portugal também manteve a mesma postura, ou seja, continuar a sua ocupação, que se estendeu até ao rio Zaire, tendo ocupado Caçongo e Massabi. Inicialmente os conflitos são evitados, levando Portugal e a Inglaterra assinarem o Tratado do Zaire, que consistia no reconhecimento inglês do direito de posse a Portugal das duas margens deste rio. Mas os franceses e belgas não aceitaram esta «manobra» e levaram Bismarck a intervir junto do governo inglês, opondo-se a este acordo, situação que impediu a ratificação do Tratado. Novas discussões emergem, mas a 15 de Novembro de 1884, em Berlim, uma conferência internacional que já fazia incluir outras potências, nomeadamente a Dinamarca, Espanha, Holanda, Turquia, Noruega, Itália, Suécia e até os Estados Unidos, reconhece a Portugal as posições já ocupadas a norte de Angola e em Cabinda. Mas a principal consequência da conferência foi a consagração do princípio de que só a «existência de autoridade suficiente para fazer respeitar os direitos adquiridos» dava consistência a tais direitos. Seria o mesmo que dizer que o predomínio dependia de critérios de ocupação efectiva sobre o direito histórico, na qual se sustentavam as reivindicações portuguesas. As maiores possibilidades militares das outras potências, serviram, neste âmbito, para uma ocupação efectiva mais vasta, resolvendo assim o embaraço que podia constituir a prioridade histórica portuguesa.

Perante os factos, a opinião portuguesa mobiliza-se e o antigo projecto da expansão portuguesa a zonas do interior ganha nova alma. Esse projecto, designado por «Mapa cor-de-rosa», consistia na ocupação de toda a zona com-preendida entre Angola e Moçambique, «da costa à contra-costa». Esta pretensão portuguesa culminou com os Tratados da Guiné e da Alemanha, celebrados com a França e Alemanha em 1885 e 1886 respectivamente, que passaram pelo reconhecimento

destas potências por este figurino territorial e, como contrapartida, a cedência de outras zonas, a norte de Angola, à França e a sul do rio Cunene, também em Angola, à Alemanha.

A Inglaterra insurge-se contra estes Tratados, defendendo que Portugal não dispunha naquela região de forças para manter a ordem, proteger os estrangeiros e vigiar os indígenas.

Ignorando estes acordos, os ingleses em 1889 concedem formalmente esta região à Companhia da África do Sul. Perante esta situação, o Governo Português tenta uma solução diplomática, desdobrando-se em contactos para uma arbitragem no conflito, sob os auspícios dos signatários da Conferência de Berlim, hipótese não acatada pelos ingleses, que orientaram toda a discussão para a rotura das relações diplomáticas com Portugal, e, simultaneamente, se preparavam para ocupar algumas regiões de importante valor económico e estratégico (uma antiga aspiração dos ingleses), como são exemplo a emboCADURA do Zambeze e a cidade de Lourenço Marques (actualmente Maputo), em Moçambique. Na altura, a mediação do presidente da República Francesa, o general Mac Mahon, impediu que tal acontecesse. Mas este desejo de um corte de relações por parte dos ingleses, conduziu ao famoso ultimato de 11 de Janeiro de 1890, que exigia a Portugal a retirada imediata das suas forças naquela região entre

Angola e Moçambique. O Rei D. Carlos, que tinha subido ao trono dois meses antes, para evitar o corte de relações com a Inglaterra e consciente das limitações das suas forças militares, cede às exigências inglesas, para desespero do povo português, que se disponibilizou a pegar em armas contra a Inglaterra, acusando simultaneamente a Monarquia de «traidora à Pátria».

É deste ambiente que sucede a primeira revolta republicana, que culmina com o regicídio em Fevereiro de 1908 e a implantação da República em 5 de Outubro de 1910.

Mas todo este processo de ameaça inglesa, leva o Governo Português a apostar numa maior intervenção em África, enviando, particularmente para Angola e Moçambique, oficiais militares para reforçar a nossa soberania, missão essa que passava pela construção de novos postos militares, aberturas de estradas, linhas telegráficas e pacificação dos povos indígenas.

O major Neutel de Abreu, foi dos muitos militares incumbidos dessa missão, tendo sido um exemplo para o país. Além de pacificador, e dotado de uma particular psicologia para lidar com os indígenas, Neutel de Abreu aboliu a escravatura no norte de Moçambique que, apesar de erradicada por Portugal em 1836, com a proibição de importação e exportação de escravos, ainda se fazia sentir por toda aquela ex-colónia. Também a ele se deve a aniquilação do avanço das tropas alemãs.



Angola e Moçambique. O Rei D. Carlos, que tinha subido ao trono dois meses antes, para evitar o corte de relações com a Inglaterra e consciente das limitações das suas forças militares, cede às exigências inglesas, para desespero do povo português, que se disponibilizou a pegar em armas contra a Inglaterra, acusando simultaneamente a Monarquia de «traidora à Pátria».

O major Neutel de Abreu, foi dos muitos militares incumbidos dessa missão, tendo sido um exemplo para o país. Além de pacificador, e dotado de uma particular psicologia para lidar com os indígenas, Neutel de Abreu aboliu a escravatura no norte de Moçambique que, apesar de erradicada por Portugal em 1836, com a proibição de importação e exportação de escravos, ainda se fazia sentir por toda aquela ex-colónia. Também a ele se deve a aniquilação do avanço das tropas alemãs.



O Mapa cor-de-rosa que ligava Angola a Moçambique

MAJOR NEUTEL DE ABREU EM MOÇAMBIQUE

Herói nacional entre portugueses, «Mahon» entre macuas

Em Figueiró dos Vinhos, sua terra natal, é quase um desconhecido. A sua estátua na principal praça da vila, para muitos, é decorativa, pois ignora-se o seu grande contributo e acção para consolidar a soberania portuguesa. Injustamente, apelidam-no de «mata pretos», pois também ignoram que ele aboliu a escravatura no norte de Moçambique e foi um dos militares que mais exerceu uma actuação de pacificação, evitando a morte de indígenas. No mesmo período histórico e até dias antes da revolução de Abril, em Portugal Continental prendia-se e matava-se por conta de um regime. Pouco importava se fossem brancos ou negros.

Fundou Nampula, em Moçambique (que ainda hoje assim se designa), considerada a mais bonita e melhor estruturada cidade da África Austral.

O Governo Provincial de Nampula, após a independência, colocou a sua estátua ao lado da capela militar, actual museu militar, na Praça Heróis de Moçambique (ex-Praça Neutel de Abreu), um sintoma claro de respeito histórico, que só Camões rivalizou em todos os novos países africanos de expressão portuguesa.

Uma vida ao serviço de Portugal



Em 15 de Junho de 1871, assentou praça, como voluntário, no R.I. 15, Neutel Martins Simões de Abreu, que viria a tornar-se numa das mais extraordinárias figuras de militar em terras ultramarinas.

Inteligente, audaz, valente, espontâneo e decidido, duma persistência e espírito de sacrifício sem restrições, a sua vida é um manancial de exemplos de virtude e uma ininterrupta série de relevantes serviços prestados ao país.

Infatigável explorador do mato, exercendo uma política atraente de conciliação, de que era fervoroso defensor, quando regressou à «Metrópole», pela última vez, contava 40 anos de serviço no Ultramar, entrara em 14 campanhas e alguns de combates, abria milhares de quilómetros de estradas e montara linhas telefónicas numa extensão até então nunca conseguida, e pacificara 80.000 quilómetros quadrados de território.

«Mahon», como lhe chamavam os makwas, pela forma característica como a eles se dirigia quando os admoestava, ou «Monomacaia», que significava ciclone, pela forma decidida como vencia as dificuldades da selva através da qual ia abrindo clareiras e estradas. Respeitavam-no; sabiam ter nele um amigo e protector mas não tinham dúvidas quanto à sua dureza para com aqueles que não acatassem as suas determinações. O prestígio da sua presença e o profundo conhecimento da mentalidade dos indígenas permitiram-lhe resolver com facilidade situações aparentemente insolúveis.

A história dos leões

Atravessando certo dia uma região perigosa, acompanhado de meia dúzia de cipaios e de um grupo de carregadores, estes pararam de repente e, tremendo de medo, apontaram para dois leões que, a cinquenta metros, sobre a estrada, fixavam a caravana, e largando as cargas preparavam-se para fugir. Neutel de Abreu, calmamente, disse-lhes que não tivessem receio, pois aqueles leões estavam ali ao seu serviço... Deu ordem firme para que reiniciassem a marcha e dissessem às feras que se afastassem. A custo, aterrorizados e fazendo grande alarido, puseram-se em marcha os carregadores, e os dois leões afastaram-se e penetraram na imensidade do capim. Uma das características do leão, é que só ataca quando tem fome, e Neutel de Abreu tinha consciência disso.

Neutel de Abreu saiu da Metrópole pela primeira vez, dois anos depois da sua entrada para o exército, para servir em Macau. Não o seduziu a vida tranquila de que ali desfrutava, pelo que pediu transferência para Angola, embarcando seis meses depois e onde serviu por 4 anos, regressando a Lisboa em 1895. Embarcando de novo para Angola nesse mesmo ano, também ali o seu espírito irrequieto se aborrecia e pediu transferência para a Companhia de Guerra de S. Tomé e Príncipe. Fortemente atacado por uma biliosa teve de regressar à Metrópole, em 1897. Logo no ano seguinte, parte para Moçambique, porém, nova biliosa o obriga a regressar.

Neutel, não desiste e, em 1899, volta de novo a Moçambique, onde, finalmente se conservou até 1930. Quando ali chegou, o



Neutel de Abreu em 1904, quando foi promovido a Tenente

norte da província encontrava-se numa inquietante situação, em virtude da rebeldia abertamente manifestada por numerosos grupos de **macuas** e **namarrais** que a campanha de 1895 não pacificara definitivamente. Nomeado comandante do posto de Moginqual, onde à data não existia um único caminho, de lá iniciou a sua acção para o interior, dominando os rebeldes, abrindo estradas e pacificando-os.

Em 1903, já no posto de Alferes, durante a campanha de Matadane, levada a efeito contra vários régulos que instigados por Muhamuieva, mais conhecido por Fareley, nos hostilizavam abertamente, exigindo pagamentos ao Governo e aos comerciantes para salvo-conduto dos brancos que quisessem atravessar as suas terras - entrou numa série de combates e por tal forma se comportou que, no seu relatório, o Comandante Lúpi escreveu: «Garanto que nunca vi homem que o excedesse em desembaraço, disciplina e serena coragem; não sito ocasiões especiais em que se distinguisse porque igualmente se comportou em todos os combates».

Em Março de 1904 é organizada nova força, da qual fazia parte Neutel de Abreu, comandando os auxiliares. A marcha da coluna foi dificultada por toda a espécie de obstáculos numa região de difícil acesso e, ao chegar próximo de Nacucha, foi recebida por um intenso tiroteio à queima-roupa que criou pânico entre os soldados. A enérgica intervenção dos Oficiais e Sargentos fez restabelecer a calma e, passadas quatro horas de renhido combate, os rebeldes retiraram. Seguiram-se outras acções de menor vulto e a 1 de Maio a campanha era dada por concluída.

No seu relatório, o Comandante Forjaz escreveu: «... Distinguiu-se no combate de Nacucha pela sua muita coragem, energia e impassibilidade, sendo por isso digno da medalha de Valor Militar, o Alferes Neutel de Abreu, a quem o governo deve já o exercício da nossa autoridade em toda a região de Namuco e Luinga que comanda há quatro anos com muita sensatez, diligência exemplar e honradez inatacável».

Terminadas as operações de Nacucha, regressou ao seu posto no Moginqual e, embora cansado e febril, continua a dialogar e pacificar indígenas, abre novas estradas, monta linhas telefónicas, numa obra admirável de esforço e inteligência. Em 25 de Junho do mesmo ano é promovido a Tenente. Novos louvores e citações vêm aumentar a sua já brilhante folha de serviços e, em Setembro de 1905 é nomeado Comandante Militar de Moginqual. Agora, com maior autoridade, inicia uma ainda mais profunda penetração para o interior, montando novos postos.

major neutel de abreu



Irmãos de Sangue

Quadro a óleo existente no Palácio de S. Paulo, na Ilha de Moçambique, da autoria do artista "Guerra", retratando a cerimónia do pacto de sangue entre Neutel de Abreu e o Régulo Mukapera de Corrane

Nesta sua acção pacificadora e de alargamento do território, muito ficou devendo ao régulo de Corrane, Mukapera, de quem obteve sempre o maior auxílio e inteira fidelidade, chegando a unir os seus sangues, numa extraordinária cerimónia, a partir da qual o grande régulo passou a considerá-lo como irmão. Um novo posto foi instalado em Corrane, com uma casa de alvenaria para Mukapera. Seguiu-se a montagem de postos em Nampula, Chinga, Ribaué, Malema, Mutuáli, etc.

Em Maio de 1909 é nomeado Capitão-Mor de Macuana, com sede no Itóculo, e, no fim desse ano, regressou ao comando de Mogincual. Entretanto as gentes de Fareley voltaram a exercer a sua pressão e, em 11 de Maio de 1910, Neutel de Abreu recebeu ordem para fazer parte duma coluna comandada pelo Major Massano de Amorim. Logo no início das operações travou renhido combate com os guerreiros do Navarame e com os rebeldes do Nampoto onde foi ferida a sua montada numa luta contra mais de 3000 indígenas. Mas era necessário alcançar aquela povoação e «Mahon» recebeu ordem para continuar a progressão, por terreno de vegetação densíssima; por seis vezes os revoltados procuraram impedir o avanço, batendo-se rijamente, até que a 24 de Junho, depois do heróico combate de Pedras do Nampoto, com grande número de baixas, se renderam sendo aprisionado o Fareley.

Termina assim a chamada campanha de Angoche, durante a qual se haviam percorrido 450 quilómetros sob chuva torrencial, muito sol e através de mato densíssimo e traiçoeiro. Pela sua acção durante as operações, o Major Massano de Amorim propôs-lo para ser condecorado com o grau de comendador da Ordem da Torre e Espada.

A 31 de Agosto de 1910 é promovido a capitão.

Em princípios de 1912 deslocou-se para a região do Ribaué para dominar as gentes do régulo Murrula que se começavam a sublevar. Montada a operação, o régulo foi aprisionado num audacioso golpe de mão executado pelo bravo Sargento José da Costa.

Em Maio de 1912, revolta-se o régulo de Sangage. Neutel segue a juntar-se à coluna comandada pelo Capitão Cunha, com alguns cipaios e homens do seu amigo Mukapera, resolvendo a situação crítica em que aquela coluna se encontrava devido à grande resistência encontrada.

Regressa à sua base em Nampula e logo vai montar novos postos, alguns a mais de 400 km do litoral. Entretanto vai

submeter o régulo de M'cubeiri que se revoltara.

Que extraordinária actividade, a deste homem, a quem as febres atormentaram constantemente!

Mas a pacificação do distrito de Moçambique ainda não se podia considerar terminada. Novos focos de rebelião apareciam, começam a insubordinar-se e dominam a região pelo terror. Para os submeter, são organizadas duas colunas, uma sob o comando do Cap. Cunha e outra comandada por Neutel de Abreu, as quais marcham ao encontro dos insurrectos atravessando os rios Monapo e M'robene em condições verdadeiramente épicas, servindo-se de pequenas jangadas. Muitos homens passavam a vau, enquanto descargas eram feitas para dentro de água, com o fim de afastar os jacarés, e, da margem oposta, o inimigo fustigava a coluna com setas e tiros de espingarda. Passados os rios, sob um sol escaldante e sem qualquer descanso, comendo quando calhava, a coluna de Neutel chegou por fim ao contacto com o grosso dos indígenas rebeldes e, após violento combate, terminava a campanha com a prisão de Márua.

Volta «Mahon» ao seu trabalho de civilização e alargamento das possibilidades do distrito, acaba com os costumes bárbaros, com os vícios, abre mais estradas, monta mais postos, faz parte duma comissão encarregada de marcar o traçado para uma linha de caminho de ferro.

É nomeado Capitão-Mor do Mossuril, regressando ao seu lugar na Macuana em Janeiro de 1916. Novos louvores e citações são registados na sua folha e recebe a medalha de ouro de Serviços Distintos no Ultramar, da qual já possuía duas de prata.

Em Março de 1916, a Alemanha declara guerra a Portugal, pelo que é organizada uma expedição a Moçambique. Neutel de Abreu oferece-se para o que for preciso, mas o seu oferecimento não é aceite por ter que vir a Lisboa prestar provas para a sua promoção a Major. Entretanto, a situação piora, a sua vinda fica sem efeito, e aceite o seu oferecimento, encarregam-no de recrutar pessoal para as operações. Posteriormente, faz parte da coluna encarregada de abrir um itinerário de Mocimboa da Praia a Chomba, numa extensão de cerca de 150 km, atrás do planalto dos macondes ainda insubmissos e instigados à revolta pelos alemães. Uma vez mais pôs em evidência a sua fibra de aço nesta dura missão em terreno e clima hostil, de mata densíssima inçada de répteis venenosos, conseguindo cumprir a missão ao cabo de dois meses de progressão e trabalho lentos quase sempre sob a acção do fogo inimigo e sujeito a ciladas constantes.

Esta coluna dos Macondes foi das que mais se distinguiram em terras do Niassa, pela dureza da missão, grande número de baixas, falta de água e de comunicações. Cobertos de pó e cheios de calor, chegaram a marchar dois dias seguidos chupando folhas ressequidas, para enganar a sede. A sua acção durante a abertura do itinerário Mocimboa da Praia-Chomba e a submissão dos macondes, a juntar a todas as provas de valor já demonstradas, mereceram-lhe o ter sido dispensado do curso de promoção «como recompensa dos relevantes serviços prestados em Moçambique e pelas provas do seu valor como oficial patenteado durante a sua carreira militar».



Capitão Cunha



Residência de Neutel de Abreu no Mossuril (Foto José dos Santos Rufino - Álbum Distrito de Moçambique - 1929)



Residência de Neutel de Abreu em Mogincual (Foto José dos Santos Rufino - Álbum Distrito de Moçambique - 1929)

Com a saúde bastante abalada, chega a Lourenço Marques (actual Maputo) para ser sujeito à junta de saúde, mas o Governador-Geral, dissuade-o da aposentação e concede-lhe uma licença graciosa de 2 anos.

A 24 de Agosto de 1918 é promovido a Major. Novas condecorações lhe são conferidas. Mas, os esforços que despendera durante tantos anos de dedicação, arruinaram-lhe a saúde, sendo reformado em Fevereiro de 1920. Era então, Neutel de Abreu, segundo palavras de um jornalista da época, «um tipo magro, ossudo, requeimado pelas febres e pelo clima, que, mesmo através da decadência física e da melancolia africana que pairava nos seus olhos, revelava uma assombrosa energia e todo o jeito do homem que sabia enfrentar a morte».

A aposentação

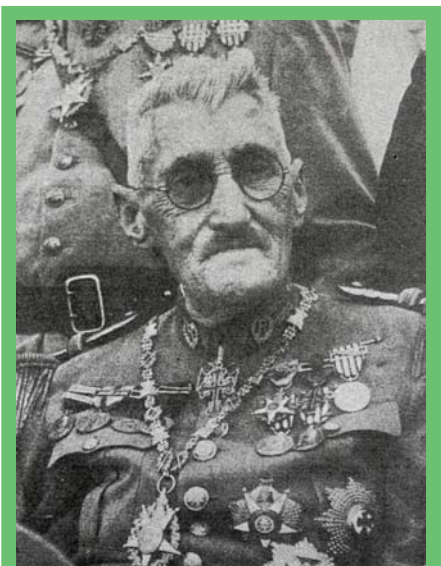
O Neutel terminava a sua carreira militar mas não a tarefa que a si próprio impusera. Resolveu ficar naquela terra a que tanto queria, e dedicar-se à agricultura, onde conseguiu os mesmos triunfos que obtivera com a espada, acabando por ser premiado na Exposição de Sevilha pelos produtos ali apresentados. Arrasado pela doença, e tendo as suas economias comprometidas na bela plantação do



Em 29 de Junho de 1941, na Sociedade de Geografia, o Major Neutel de Abreu era condecorado pelo Marechal Fragoso Carmona, então Presidente da República, com a Comenda da Ordem do Império. Na foto, momento dessa cerimónia. (Foto Diátio de Notícias)

Mogincual, resolve pô-la à venda para vir tratar-se à Metrópole. Moçambique, porém, não o esquecera e, num gesto nobre, foi aberta uma subscrição por uma circular em que se escrevia «... só indignamente poderíamos consentir que para Neutel salvar a sua vida, a plantação do Mogincual fosse entregue por uma ridicularia à falta de escrúpulos de qualquer ganancioso, inutilizando sacrifícios de tantos anos. É preciso que todos paguemos o tributo com espontaneidade e sem mesquinhez, praticando assim a mais elevada das qualidades morais - a gratidão».

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO



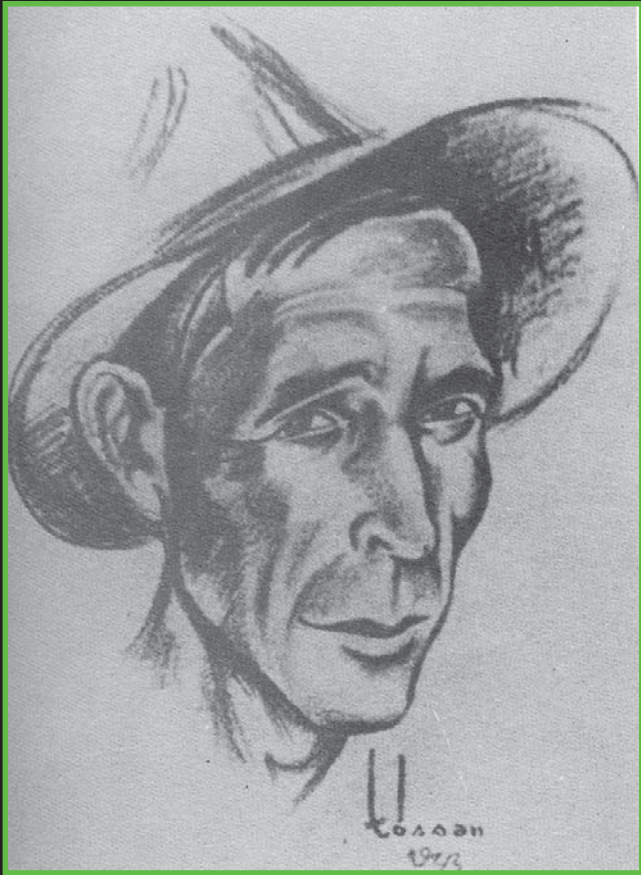
Major Neutel de Abreu



Régulo Mukapera (Foto José dos Santos Rufino - Álbum Distrito de Moçambique - 1929)

ELHANÇAS SEMELHANÇA
SEMELHANÇAS SEMELHANÇAS

As semelhanças são surpreendentes entre a caricatura do poeta cauteleiro António Aleixo, português, e a fotografia do velho Nacavarra, agricultor moçambicano do Lumbo.



António Aleixo, natural de Vila Real de Santo António, Portugal, poeta popular, autor do livro "Este livro que vos deixo"



António Nacavarra, natural do Lumbo (Ilha de Moçambique).

nampula (1927)



A rotunda do Infante em 1927, vinte anos após a fundação de Nampula. Esta foto foi tirada em 1927 por José dos Santos Rufino e publicada em 1929 no álbum dedicado ao então distrito de Moçambique, uma obra notável, que reproduz em 10 álbuns todos os distritos e ainda

nampula (2008)



A rotunda do Infante em 29 de Março de 2008, oitenta e um anos após a fundação de Nampula e 61 anos após a foto anterior.

foto da quinzena

Foto: Paulo Pires Teixeira

Mar de Prata na Ilha de Moçambique
18/04/2008



PARTICIPE NA FOTO DA QUINZENA ENVIANDO A SUA FOTOGRAFIA PREFERIDA
INDIQUE O NOME DO AUTOR, DATA E LOCAL DA FOTO

ENVIE PARA: jornal.forum.macua@gmail.com

Jornal Fórum Macua

SEDE:
Figueiró dos Vinhos
Contribuinte
109 978 153

Ficha Técnica

Propriedade e Direcção: Paulo Pires Teixeira
Redacção: Susana Sofia Dias, Vasco Fénita, Floriberto Fernandes e Abdul Paulo.
Paginação e Grafismo: Paulo Pires Teixeira
Marketing e Publicidade: Susana Dias
Contacto: 00258 848164523
Filial: Rua Mateus Sansão Muthemba, 14 - 2º
NAMPULA - MOÇAMBIQUE



ANTIGOS ALUNOS E PROFESSORES NO PRÓXIMO DIA 26 DE ABRIL EM MIRA

Aí está o XXVI Convívio de Nampula

Já lá vão 26 anos de encontros entre antigos alunos e professores das escolas de Nampula, uma iniciativa que se afirmou, e que de ano para ano tem vindo a registar maiores e novas presenças.

Iniciando estes encontros em Lisboa, graças ao empenhamento particular da Dalila, primeiro num pequeno restaurante em Lisboa, depois evoluindo para um dos restaurantes do Jardim Zoológico também em Lisboa, depressa foram surgindo outras opções, como Coimbra, Figueiró, Ferreira do Zêzere e Mira.

Em cada destas localidades, colaboraram na organização antigos estudantes ali residentes, sempre com o imprescindível apoio da Dalila, do João Fernandes e da Mizé, entre outros.



Ao centro, a Dalila e o Carlos Queirós no encontro em Figueiró dos Vinhos em 2002

A estes encontros têm-se associado muitos pais de alunos, facto que tem enriquecido os convívios e alargado o leque de memórias.

Mira recebe pelo 3º. ano esta iniciativa, dadas as excelentes características do complexo

Quinta das Lagoas, onde o espaço amplo e recantos pitorescos favorecem e lhe emprestam um cheirinho a Moçambique.

Lá estaremos de alma e coração.

Opaka melo!

QUOTIDIANO



Esgotaram-se os chapéus...

Franquezas Macuas

Paulo Pires Teixeira
pptfdv50@gmail.com



Aqui, convosco Mokala?

Ainda no Lumbo, bem próximo de Cavaco Silva para registar imagens da sua visita, disse-lhe:

- Presidente, diga Mokala a este povo!

Assim o fez, e prontamente as ovações redobram.

Aqui estou, convosco!

Mokala, Macuas!

Mokala é um cumprimento.

Mokala é a minha expressão para dirigir um abraço a todos quantos receberem este jornal. É também uma expressão de esperança para este projecto - que nasceu de uma férrea vontade de servir as nossas comunidades, particularmente as que estão distantes, porque vivi a angústia durante mais de três décadas de ausência desta terra que amo, que todos amamos e que tantos sentimentos nos assaltam - vingue na sua missão. Senti nesse interminável tempo, a ausência de informações, de imagens, até dos cheiros deste nosso rincão, das suas gentes e da terra vermelha molhada. Não vos levo os cheiros, mas quero deixar-vos os aromas das memórias reflectidas em pedaços de cada um.

Aqui estou animado nesta aventura, cumprindo um sonho de menino, que também foi o do meu pai, o homem-jornalista que sofreu neste país nas mãos intempestivas e cálidas da PIDE, por defender a justiça das populações locais, contra um poder muitas vezes indiferente a imperativos, e que, por isso, todos pagaram caro: moçambicanos e portugueses.

Mas importa olhar em frente e dar passos determinantes para a harmonia entre povos que se respeitam e acarinhos.

São esses passos que quero dar, para fazer chegar a todos uma mensagem positiva, iluminada de valores de proximidade.

Estou certo que os Macuas me ajudarão a fazer deste projecto mais um laço de união fraterna, onde caberão as memórias de todos, no perfil que se pretende de identidade e cidadania.

Nós e a Casa Macua

A Casa Macua é e continuará a ser o grande ponto de encontro da comunidade Nampulense, concorrendo para isso o empenhamento, sensibilidade e dedicação da Maria José Fernandes, a nossa Mizé.

Foi esta Casa e o Bar da Tininha, que me inspiraram neste projecto, e foram os muitos participantes que me animaram.

Os projectos são diferentes, independentes e nobres. Partilhamos a igualdade sim, na missão de servir e unir.

Como subscrever o Fórum Macua?

Esta primeira edição é oferta. No e-mail para quem enviamos o jornal, serão dados outros esclarecimentos.

■ Envie um e-mail para jornal.forum.macua@gmail.com, a manifestar o desejo de ser assinante, indicando para o efeito: NOME, MORADA, Nº. DE CONTRIBUINTE e E-MAIL para onde pretende que seja enviado o jornal;

■ A assinatura é de **42,00 euros** anuais (40,00 + 2,00 referente a 5% IVA) para Portugal e UE, resto do mundo **60,00 euros**, e Moçambique, **1.550,00 meticais** anuais;

■ Para os assinantes em **Portugal e países da União Europeia**, esta importância deverá ser depositada ou transferida, para a conta do Millenium: NIB **0033 0000 45355714252 05**, devendo-se indicar, se for depósito directo, o e-mail na referência (basta pedir ao caixa do banco para inserir); e se for transferência, o nome e e-mail - após a confirmação, será enviado o recibo.

■ Para os assinantes em **Moçambique**, o procedimento é o mesmo, alterando apenas o nº. de conta para: NIB **000100000013766414757** do Millenium BIM - será enviado recibo após confirmação;

■ Para os assinantes do **Resto do Mundo**, a transferência deverá prever o contra-valor de 42,00 euros acrescidos de 18,00 euros (taxa de referência das transferências internacionais), totalizando **60,00 euros**, para a conta do Millenium BIM - IBAN: **MZ59000100000013766414757** - será enviado recibo após confirmação.